

A ampliação do conceito da forma sonata constitui-se em um dos principais fenômenos ocasionados pelo neoclassicismo musical praticado no século XX. Ainda que a estrutura da sonata fosse objeto de transformações desde seu surgimento no século XVIII, os recursos utilizados por compositores latino-americanos no período proposto pela pesquisa (século XX e XXI) é menos estudado e divulgado. De acordo com a organização harmônica tradicional, a sonata clássica tem por objetivo o contraste tonal. Surgem as perguntas: que recursos esta forma sonata poderia abrigar na ausência da tonalidade? Baseando-se nas obras que constam no acervo do GPPI, constatou-se um considerável número de Sonatas cujos títulos já propõem quebras, alterações e ampliações formais. Estas manipulações são o resultado da ausência de gravitação tonal. Constata-se que quando há esse possível antagonismo entre atonalismo e forma sonata, os compositores optam por encontrar um denominador em comum quanto ao caráter, como a relação tensão-repouso, caso de Acario Cotapós, em sua Sonata Fantasia (1924). Nesta obra, há um claro jogo de cores e de texturas musicais, mas a organização em seções e subseções não permite uma aproximação direta com a forma sonata acadêmica. Entretanto, seções contrastantes em caráter, textura e andamento são colocadas em tensão, oposição e contraste. Ao mesmo tempo, há casos de composições que seguem mais à risca a estrutura formal de primeiro movimento de sonata, como é o caso da Sonata Breve (1947), última obra para piano de Lorenzo Fernandes, obra que apesar de utilizar recursos largamente praticados no século XX tais como politonalidade e polirritmia, é construída a partir do princípio composicional da recorrência motivico-temática, marca das sonatas cíclicas muito comuns na segunda metade do século XIX.